

# Trabalho (imaterial), valor e classes sociais: diálogos com pesquisadores contemporâneos\*

de Henrique Amorim

## **Abordagens diversas de Marx**

### **Different Approaches to Marx**

por Marcela Andresa Semeghini Pereira\*\*

O sociólogo Henrique Amorim nos brinda com uma bela e ousada obra, de metodologia pouco comum, consistindo em entrevistas. Através desta ferramenta, elabora perguntas pertinentes e focadas nas especialidades de pesquisa de cada entrevistado, composto, por estudiosos marxistas ou em diálogo com o marxismo.

De acordo com o organizador, foi a partir da pergunta “O que é trabalho imaterial?” que germinou o interesse em estruturar um livro de entrevistas com pesquisadores contemporâneos. Em 2009 iniciou a realização das entrevistas, base para um estudo sobre a teoria do valor-trabalho e sobre como essa teoria havia sido instrumentalizada pelo debate sobre o trabalho imaterial. No decorrer do processo, finalizado em 2017, verificou que era necessário ampliar a problematização, tratando também do Trabalho, Valor e Classes Sociais, vendo-os como relações sociais centrais para a investigação do trabalho imaterial e para a análise da sociedade capitalista contemporânea.

---

\* São Carlos: EdUFSCar, 2017.

\*\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UNESP Marília-SP, Brasil.  
End. eletrônico: ma.andresa@gmail.com

São vinte e duas entrevistas e a escolha dos entrevistados seguiu diretamente o critério objetivo das temáticas do livro. São pesquisadores que se destacam, mundialmente; filósofos, economistas, historiadores e cientistas sociais que haviam tratado dos temas trabalho, valor e classes sociais, articulando-os teoricamente. Desta forma, é impossível apresentar um resumo das várias contribuições, considerando os inúmeros posicionamentos sobre os temas que passam pelo trabalho imaterial, classes sociais e valor, a seguir, daremos uma pincelada dos conteúdos e abordagens que nos chamaram a atenção.

Trata-se de um importante material com exposições sobre as questões e desafios do marxismo no século XXI. Expõem contribuições de autores marxistas no cenário de crise do capitalismo global da década de 2010, apresentado, além de temas candentes do momento, problemáticas clássicas: o fetichismo da mercadoria, a centralidade do trabalho, a teoria do valor-trabalho, classes sociais, consciência de classe, desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção, trabalho produtivo e improdutivo, trabalho material e trabalho imaterial, trabalho concreto e trabalho abstrato, relações entre tempo de trabalho e tempo livre, dimensões das lutas sociais hoje, mais valia, consubstancialidade e outros.

A uma pergunta recorrente nas entrevistas sobre o método de trabalho utilizado pelo entrevistado, as respostas são variadas, mas a que mais chama a atenção é aquela dada pelo professor Celso Frederico, informando que o método depende do objeto e a este está subordinado. Neste sentido, o pesquisador deve escolher o caminho de acesso mais adequado a percorrer e escolher a alternativa mais fecunda. Frederico relata seu percurso de estudos, dedicados a texto que julgava ser importante, não havendo nenhuma finalidade imediata, pois “Estudávamos pelo prazer de conhecer: só depois de quinze anos surgiu a ideia de escrever algo. Trata-se, como se pode perceber, de um comportamento pouco atual nesses tempos ágeis [...]” (p. 49). O método que utilizava nesta época era a leitura e releitura em voz alta, de forma pausada. O autor destaca que o contraste com o tempo presente é enorme, visto que atualmente os alunos informam-se teoricamente por meio de ferramentas de busca para pescar palavras-chave e não mais a leitura direta dos textos. O resultado é desastroso, pois têm dificuldade de concentração, de correlacionar ideias, é a cultura do chute.

O termo “puro capitalismo” foi trabalhado por Michel Husson (p. 238), que escreveu um livro sobre este tema, como sendo o capitalismo que se libera de algumas amarras, constrangimentos e regulamentações, operando como acha conveniente, similar ao seu próprio conceito. Essa ideia objetiva fazer oposição à tese de que o capitalismo teria sido pervertido pela finança.

Jacques Bidet e Gérard Duménil são instigados a apresentarem os *cadres*, a terceira modalidade de classe social, responsáveis sobretudo pela administração

das empresas e aparelhos do Estado. Os *cadres* são o pessoal do escritório e as pessoas que estão na organização da produção das empresas sendo, efetivamente, a nova classe dominante. Já o termo *encadrement* faz menção a funções específicas da divisão social do trabalho destinados aos *cadres*, quais sejam: conceber, controlar, gerenciar, legitimar e reproduzir as relações capitalistas de produção.

A importância da leitura dos *Grundrisse*, pelos estudiosos dentro e fora do Brasil, é um tema que chama a atenção, Francisco Teixeira (p. 95) aponta que, embora concorde com Roman Rosdolsky quanto aos cadernos de 1857-1858 serem anotações que serviram de base para a redação de *O capital*; considera que a ausência de capítulos, como A Jornada de Trabalho, A Grande Indústria, Variação de Grandeza da Força de Trabalho e da Mais-Valia, Salários, A Lei Geral da Acumulação Capitalista, a Chamada Acumulação Primitiva e a Teoria da Colonização, são fundamentais para se compreender o processo de produção do capital. Esta é a prova de que não se pode substituir *O capital* pelos *Grundrisse*, estes podem ser utilizados apenas como fonte de pesquisa, mas não obra definitiva e acabada. Já Michel Husson (p. 236) acredita que os *Grundrisse* é o que há de melhor em Marx, onde este avança mais na crítica que em *O capital*.

Quanto à teoria do valor-trabalho frente às novas tecnologias da informação, Jean Lojkine (p. 163-164) concorda que a teoria do valor continua valendo, mas deve-se entender que esta sofre as influências das contradições do capitalismo atual, como em relação à função dos investimentos no domínio da pesquisa, da formação da saúde etc. Neste campo, o marxismo não possui muitas respostas, pois o capital vai financiar a saúde, a pesquisa, a educação, a cultura não sendo um investimento produtivo, mas de um capital constante, de um capital fixo/ constante. Para Lojkine, é preciso levar em conta as novas contradições sociais, onde o trabalho produtivo e o trabalho improdutivo se juntam, haja vista a necessidades de enormes investimentos de capitais em pesquisa e desenvolvimento e, conforme a incapacidade das empresas privadas, em não conseguirem mais investir suficientemente sem colocar em risco seu lucro.

Ao tratar da liberação de tempo de trabalho, Jorge Grespan (p. 203) retoma a diferença entre trabalho produtivo e improdutivo, sendo o trabalho criador de mais-valia restrito ao capital industrial, atividades agropecuárias, mineradoras, extrativistas etc. Este, além de ser parte da massa de trabalho empregada, está diminuindo em termos proporcionais pelo avanço da tecnologia substituindo mão-de-obra por meios de produção. Mas a mão-de-obra dispensada pelo capital industrial é absorvida pelo capital comercial, financeiro, educação. E estes setores, à medida que atuam de modo cada vez mais agressivo na disputa pela mais-valia social criada pelo setor produtivo, exploram os empregados em escala crescente. Se de um lado se fala em “liberação de tempo de trabalho”, nota-se quão anti-

tético, pois se trabalha sempre mais, sem folga e sem direitos. Esta contradição é uma expressão do paradoxo do capital que anula qualquer efeito progressista que a liberação possa ter. Para Grespan, é uma forma de manifestação dos limites a que chega o sistema capitalista e não de sua possível superação, de sua saída num sentido positivo.

A pergunta “em que medida o trabalho voluntário compõe a lógica do tempo livre?” (p. 275) foi feita para Ricardo Antunes (curiosamente, aquele que apresentou respostas mais longas). Este considera o trabalho voluntário uma forma de suprir o “desassalariamento” crescente no espaço público e no privado, incluindo o terceiro setor, que ganhou espaço significativo, sobretudo por meio das ONGs. O trabalho voluntário, logo, tem um papel funcional na preservação do sistema do capital, por estruturar tanto o desempregado como para dinamizar as atividades do setor privado.

Michael Löwy (p. 226), sobre a teoria do fetichismo da mercadoria, embora a trate como um caso específico da alienação como fenômeno geral, a considera fundamental porque imprime sua marca na sociedade capitalista, em que tudo é impregnado pelo fetichismo da mercadoria, tudo se transforma em um processo de mercantilização geral, não só dos produtos da indústria. Tudo se transforma em mercadoria, tudo entra na lógica do fetichismo, que, como abstração real, faz parte da realidade econômica e social, independentemente de se acreditar ou não nessa ideologia, ele tem uma substância que não é unicamente ideológica. Embora haja um trabalho de ideologização do fetichismo, este é um processo real, como a alienação é mais do que uma ideologia, é o processo através do qual os indivíduos são submetidos a forças que eles já não controlam. Como o mercado, que se transformou em uma entidade autônoma, funciona de forma irracional, absurda e destruidora. “É um monstro que escapa ao seu criador.” Há ideologia, mas a realidade fetichista e alienada é evidente.

Helena Hirata (p. 134), uma das três mulheres entrevistadas (num universo de vinte e dois entrevistados) desenvolve a idéia de consubstancialidade ou interseccionalidade que incorpora e comporta outras dimensões, além do gênero, intrínseca ao seu conceito que é juntar, integrar, associar, não só o gênero, mas também a raça e a opressão de raça e a classe social e sua opressão.

Quanto à importância e atualidade de Marx, há um consenso. Alain Bihr (p. 21) expõe que Marx é um ponto de partida obrigatório para a compreensão do mundo no qual vivemos, sem passar por ele não chegaremos a grande coisa. Daniel Bensaïd (p. 63) acredita que o pensamento de Marx é atual, sendo a atualidade do capital seu objeto crítico. Para Michael Löwy (p. 223), o método de Marx não só continua vivo, como é extremamente atual.

Em relação à atualização de Marx, Jacques Bidet (p. 142) acha que não se trata apenas de atualizá-lo e sim de tomá-lo como um grande teórico da história da ciência. Francisco de Oliveira (p. 85) diz que a partir de Marx temos a obrigação de formular novas questões capazes de interrogar a realidade. Sadi Dal Rosso (p. 305) acredita que Marx é um personagem do século XIX, no sentido teórico, político, estrutural e conjuntural; desta forma, devem ser revisados: a sua teoria da transição e a teoria da construção de uma sociedade socialista composta de sujeitos autônomos.

Segundo Marcos Del Roio (p. 214), Marx ainda não é um autor conhecido em profundidade, embora haja inúmeros comentadores e intérpretes competentes, visto que suas obras completas ainda estão em fase de publicação. Mesmo assim, a obra de Marx sempre foi uma ferramenta de conhecimento e luta, mesmo que pouco conhecido ou distorcido. Para Del Roio, Marx ainda tem muitíssimo a oferecer para a luta pela emancipação humana e ir além dele significa que devemos adentrar em uma nova fase histórica, avançar no processo de emancipação humana, na transição socialista, e não dizer que o autor esteja superado.

Para aguçar ainda mais o interesse do futuro leitor, seguem algumas das principais influências dos pesquisadores entrevistados: Marx, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Norbert Elias, Ernest Mandel, Andre Gorz, Lucien Goldman, Rosa Luxemburgo, Georg Lukács, Walter Benjamin, Antonio Gramsci, István Mészáros, Max Weber, Keynes, Ruy Fausto, Paul Boccara, Louis Althusser, Danièle Kergoat, Rancière, Paulo Arantes, Jorgën Habermas, Jean-Marie Vincent, Andre Gorz, Toni Negri. Demonstrando a densidade e a riqueza das explicações.

Com esta breve apresentação, é possível perceber que as respostas são densas. Os entrevistados nos apresentaram teorias consistentes do cotidiano, fruto de estudo intenso e longo. Tratam-se de reflexões de toda uma vida dedicada à interpretação e transformação da realidade.

As entrevistas inseridas neste livro demonstram que não há consenso nas interpretações dos textos de Marx, há sempre uma resposta diferente, contrária ou não, e com abordagens diversas, para a mesma indagação. E não há consenso sobre as teorias trazidas de Marx à prática do momento atual, deixando evidente que a contribuição do autor não esgota o entendimento da realidade. No entanto, lançar mão das análises de Marx é fundamental para enfrentar os desafios do presente e os que estão por vir. O marxismo como religião não contribui para a compreensão da realidade e, felizmente, as respostas aqui tratadas solidificam este entendimento. A teoria marxista está longe de ser estanque e tediosa. Ao contrário, é dinâmica e apaixonante, como podemos concluir ao apreciar este primoroso livro.